



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS  
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

DAYZA VASCONCELOS DE ASSIS

**DO MITO AO MITO: DESLOCAMENTOS DO NOME DO PAI**

CAMPINA GRANDE

2019

DAYZA VASCONCELOS DE ASSIS

**DO MITO AO MITO: DESLOCAMENTOS DO NOME DO PAI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

Área de concentração: psicanálise e psicologia política.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jailma Belarmino Souto

CAMPINA GRANDE

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A848d Assis, Dayza Vasconcelos de.  
Do mito ao mito [manuscrito] : deslocamentos do nome do pai / Dayza Vasconcelos de Assis. - 2019.  
45 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto ,  
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."  
1. Mito. 2. Nome do pai. 3. Psicologia das massas. I. Título  
21. ed. CDD 150.195

DAYZA VASCONCELOS DE ASSIS

**DO MITO AO MITO: DESLOCAMENTOS DO NOME DO PAI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

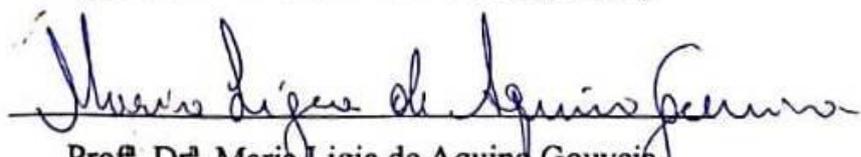
Área de concentração: Psicanálise e psicologia política.

Aprovada em: 05/12/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jailma Belarmino Souto (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Ligia de Aquino Gouveia

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

À Dayza do passado, obrigado por ter saído de uma suposta zona de conforto e ter ido em busca do sonho de tornar-se psicóloga, tornando-se assim uma realidade.

À Gilmaiza Vasconcelos, mãe querida, aquela que me ensinou desde cedo a colorir o mundo com as mais belas cores, quem me ensinou a ser mulher, a ser justa e a ser ética. A ti, que és meu maior exemplo, minha mais sincera e vasta gratidão e amor incondicional.

À Carlos Antônio - *in memoriam* -, amado pai, que se fez presente mesmo em sua ausência. A ti sou grata pelo amor, pelo cuidado e pelas lembranças. Enquanto vida eu tiver, tu estarás vivo em meus pensamentos.

Aos meus queridos irmãos, Danilo e Damário, que fizeram e fazem minha vida mais alegre, e porque não dizer mais completa. Com vocês aprendi a compartilhar, a ouvir, a dar conselhos, aprendi que sempre seremos um porto seguro, a base sobre a qual estaremos sempre apoiados. Entre nós o laço de amor fraternal não deixa de ter sua firmeza, saibam que sempre os amarei.

Aos meus “primos-irmãos”, Guilherme, Wellyson, Rose, Caio e, em especial, Noara, vocês são “minha paz fora de casa”, são minhas melhores risadas e uma parte significativa das minhas melhores experiências. Lembrar de vocês é sinônimo de endereçar-lhes muito amor.

Ao meu grande amigo Flavio Arruda, a ti sou grata por ter me mostrado o poder do conhecimento, por ter sido colo, refúgio, fortaleza. A ti sou grata por todos os ensinamentos, por toda cumplicidade, por todo amor.

Ao meu caro amigo Flaviano, tu que és pra mim tão valioso, a ti sou grata pela contribuição que deste ao meu crescimento, pelas inúmeras conversas que edificaram minha alma. Saiba que tua amizade me enobrece.

Às amigas do “Santuário”: Ana, Isabel, Larissa e Talita, pela doçura, pela amizade, pelo carinho e por todos os momentos em que se fizeram presentes. Vocês fizeram dessa

experiência a melhor que ela poderia ser. Amo muito cada uma de vocês. Aos demais que “a universidade me deu”, em especial a Saulo, ao querido Ludwig por toda parceria e a Edmakson por todo apoio e cumplicidade, amor por vocês.

À Jailma Belarmino Souto, minha cara supervisora, que foi e será muito mais do que uma posição acadêmica representa. Representa um exemplo a se seguir, de uma pessoa ética, profissional e de uma autenticidade pura. Junto a sua presença aprendi a escutar, não apenas a ouvir, aprendi que “eles passarão, eu passarinho”, aprendi que posso, desde que me autorize e me responsabilize pelo desejo. Enfim, dentre tantos ensinamentos, aprendi com sua estimada pessoa muito mais do que o amor à psicanálise, aprendi a ética do bem dizer e, não menos importante, do bem viver. Àquela que me ensinou o valor do “eles passarão, eu passarinho”, minha mais terna gratidão por todo investimento.

A todos os professores envolvidos que, direta ou indiretamente, não só tive o prazer de conhecer como contribuíram durante toda a jornada acadêmica, em especial: Roniere Moraes, Silvânia Barbosa, Juliana Gama, Lorena Bandeira, Luan Glauber, Aline Lobato, Ligia Gouveia, Edvan Gonçalves. Agradeço a cada um por terem compartilhado um pouco do vasto conhecimento que possuem, por isso, a meu ver, não deixam de ser referência. Meu muito obrigada.

A todos os funcionários da UEPB, em especial a Maria e Valquíria, o amor que tiveram comigo não deixou de me comover, serei eternamente grata; a João Henrique, Silvia, Inalda, Robson, Paschoal e a todo o pessoal do R.U, vocês fazem o sistema funcionar, tornam as coisas mais leves e vão além do que é preciso, minha mais honesta gratidão pela empatia, dedicação e afeto.

A todos os pacientes que tive a honra de atender durante o estágio na Clínica Escola de Psicologia, com vocês aprendi a respeitar e a ouvir a dor do outro, aprendi a ser mais humana e pude compreender um pouco o sofrimento humano, para além do que eu aprendi nos livros. A vocês meu respeito.

A realidade e aos seus eventos como um todo, que me fez o que sou e me colocou onde estou, permitindo que viesse a conhecer cada uma das fascinantes pessoas e experiências ao longo de minha trajetória pessoal.

Por fim, não menos importante, ao querido Sigmund Freud – *in memoriam* – pelo vasto conhecimento que nos deixou, como um presente, para que possamos ir muito além nessa magnífica jornada que é a compreensão acerca do ser humano.

.

À minha família, por todo amor, dedicação, apoio,  
companheirismo e amizade, DEDICO.

“Quanto menos se sabe sobre o passado e do presente,  
tanto mais incerto é o juízo acerca do futuro”

S. Freud - *O futuro de uma ilusão*

## DO MITO AO MITO: DESLOCAMENTOS DO NOME DO PAI

ASSIS, Dayza Vasconcelos de\*

### RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar os mecanismos que possibilitaram o surgimento do “mito Bolsonaro”, constructo fruto do ideário popular do qual ganhou força e representatividade, assumindo assim o cargo de maior importância do país como presidente da República. Para chegarmos a uma compreensão sobre o mito, buscamos respaldo na teoria freudiana; de início, nos aprofundamos nos estudos de *Totem e tabu (1913-1914)*, texto este que nos possibilitou escandir a ideia de deslocamentos, a partir do Mito da horda primeva, passando pelo totem, pelo Deus-pai e, posteriormente, as demais configurações que assumem caráter paterno, a exemplo do Estado. Em seguida, adentramos aos conceitos trazidos por Freud em *Psicologia das massas e análise do Eu (1921)*, do qual buscamos compreender as forças que fazem com que o sujeito se veja enquanto membro de uma massa, analisando assim não apenas os mecanismos por trás desse aglomerado de pessoas como a necessidade de proteção por parte de um líder, a identificação com este e com os demais do grupo e a sede de submissão comum a todos. Por fim, fizemos as aproximações entre o mito do pai da horda primeva com o mito do ideário brasileiro, tomando por base o que nos foi apresentado pelo pai da psicanálise, o que nos possibilitou encontrar semelhança tanto entre os mitos como também com o eleitorado, destacando as massas que tiveram maior evidência nesse cenário, que são a Igreja e o Exército.

**Palavras-chave:** Mito. Deslocamentos. Nome-do-Pai.

---

\* Aluna de graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
E-mail: dayzavasconcellos@gmail.com

## **FROM MYTH TO MYTH: DISPLACEMENTS OF THE FATHER'S NAME**

### **ABSTRACT**

The present study aimed to analyze the mechanisms that made possible the emergence of the “Bolsonaro myth”, a construct derived from the popular ideas from which it gained strength and representativeness, thus assuming the most important position of the country as president of the Republic. To come to an understanding of myth, we seek support in Freud's theory; At first, we went deeper into the studies of Totem and Taboo (1913-1914), a text that allowed us to spread the idea of displacements, starting from the myth of the primeval horde, passing through the totem, the God-father and, later, the others. configurations that assume paternal character, like the state. Then, we go into Freud's concepts of Mass Psychology and Self-Analysis (1921), from which we seek to understand the forces that make the subject see himself as a member of a mass, thus analyzing not only the mechanisms behind it. people, such as the need for protection by a leader, the identification with the leader and others in the group, and the thirst for submission common to all. Finally, we made the approximations between the myth of the father of the primeval horde and the myth of the Brazilian idea, based on what was presented to us by the father of psychoanalysis, which allowed us to find similarity between both the myths and the electorate, highlighting the masses that had the most evidence in this scenario, which are the Church and the Army.

Keywords: Myth. Offsets. Name of the Father.

## SUMÁRIO

<b>1 - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 - REFERENCIAL TEORICO .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1O mito e seus deslocamentos.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 Psicologia das massas e análise dos “Eus” .....</b>	<b>22</b>
<b>2.3 - Aproximações dos mitos: do Mito ao mito.....</b>	<b>30</b>
<b>3- Considerações finais .....</b>	<b>42</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>44</b>

## 1 - INTRODUÇÃO

As eleições no Brasil, em 2018, trouxeram animosidade dos eleitores, que demonstraram considerável dose de posturas inflamadas, independente do posicionamento político. Com isto, tornou-se evidente um país com os mais variados cenários políticos; que, diante da instabilidade vivida nos anos anteriores, acabou gerando nos eleitores forte sentimento de descrença no sistema político brasileiro e, conseqüentemente, em seus respectivos representantes. Assim, em decorrência dos escândalos de corrupção envolvendo os mais populares nomes do alto escalão do governo, dentre os quais presidentes, senadores e deputados; abriu-se caminho para a corrida presidencial que contou com candidatos propondo um retorno aos valores conservadores, guerra à corrupção e pulso firme ao comandar a nação, o que se refletiu nas urnas, em que uma parcela considerável da população elegeu o candidato que, segundo esses eleitores, melhor semblante fez ante a representação de tais valores.

Diante disso, a presente pesquisa objetivou analisar, sob o prisma da psicanálise, os mecanismos que possibilitaram o surgimento do “mito Bolsonaro” e, conseqüentemente, sua vitória nas urnas. Dessa maneira, partimos da concepção freudiana acerca do mito primevo como sendo o evento fundador da Cultura em que, a partir da ideia de deslocamentos, esmiuçamos seus deslocamentos através do tempo, mostrando como os desdobramentos do Mito da horda passa a ser revivido ao longo da história.

Partindo do princípio de que toda psicologia individual pressupõe, em sua essência, uma psicologia grupal, analisamos as características das massas eleitorais que compuseram o cenário político do qual nos ocuparemos, assim como, analisaremos os indivíduos e algumas especificidades contidas em tais massas que os permitiram formar um todo coeso responsável pela elegibilidade do seu mito como representante.

Para essa empreitada, os objetivos estruturantes da pesquisa foram pensados do seguinte modo: de início, como objetivo geral, analisar os deslocamentos do nome do Pai ao longo do desenvolvimento humano, sob o prisma de *Totem e tabu* (1912-1913), segundo a concepção de ato fundador e deslocamento, até chegarmos à figura do atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Partindo-se de uma subdivisão do objetivo geral, os objetivos específicos estruturam-se da seguinte maneira: 1) analisar o Mito fundador da horda primeva, em *Totem e tabu* e dos seus deslocamentos históricos; 2) Examinar as características das massas e como elas se organizam; 3) Problematizar as aproximações existentes entre o Mito da horda,

desenvolvido por Freud, e o “mito Bolsonaro”, sendo este produto da atual conjuntura política brasileira.

A metodologia da pesquisa foi dividida em três momentos: exame de *Totem e tabu*, de Freud, e a partir dele desenvolver as noções de ato fundador e deslocamentos do nome do Pai, trazendo ao desenvolvimento comentadores da obra freudiana; num segundo momento, analisar o texto *Psicologia das massas e análise do eu (1921)*, e dele extrair observações sobre o comportamento das massas e sua necessidade por um líder que as governe; por fim, trazer para o debate a construção acerca do imaginário em torno da figura de Bolsonaro, analisando reportagens, matérias e entrevistas, assim como o perfil do eleitorado que o colocou no poder. Estabelecidas as mencionadas análises, buscaremos promover as aproximações entre a problemática do Mito da horda primeva e os deslocamentos do nome do Pai com o “mito Bolsonaro”. O trabalho de compreensão e interpretação será pautado na imanência textual, como forma de sustentar e defender o tema proposto.

## 2.1 - O MITO E SEUS DESLOCAMENTOS

O sentimento de desamparo expressa o aspecto fundamental e insuperável sobre o qual repousa a vida humana. É algo do ser humano que o cerca e o confronta com a condição de incompletude e de fragilidade, remete ao desamparo fundamental, indicando a base do desespero humano quando confrontado com a inconsistência de sua existência:

Pois tal situação não é nova, ela tem um modelo infantil; é, na realidade, apenas a continuação daquela anterior, pois o indivíduo já se encontrou assim desamparado: quando pequeno, perante o pai e a mãe, que ele tinha razões para temer, sobretudo o pai, cuja proteção, porém, também estava seguro de ter, ante os perigos que então conhecia (FREUD, [1927] 2014, p. 229).

A condição humana de desamparo carece sempre de um Outro tutelar que dê sustentação à sua existência física e psíquica, instituindo a necessidade do Outro, a partir da qual se funda a sua condição humana de sujeito dividido no encontro com o desejo.

Assim sendo, a condição de desamparo impulsiona o sujeito a criar meios para se situar no mundo, o impulsiona a construir possibilidades de estabelecer laço social com o Outro. Mesmo sendo fonte de desprazer, a humanidade ergue a civilização como uma tentativa de diminuir seu desamparo frente às forças indestrutíveis da natureza, dos enigmas da vida e, sobretudo, da morte, especificamente por não haver representação dessa no

inconsciente. Não havendo como escapar do desamparo primordial, sendo intrínseco ao sujeito.

Ao consultarmos o dicionário, a palavra “amparo” apresenta a seguinte definição: ação ou efeito de amparar, proteção, auxílio, abrigo, refúgio. Portanto, *des-amparo*, pode-se dizer, é a falta de abrigo, de proteção. O termo desamparo nos lança à condição de falta de auxílio e à experiência de estar fora de algum sistema de proteção. Essa vivência geralmente é anunciada e acompanhada de uma intensa angústia que é peculiar tanto à cultura dos primitivos quanto a dos civilizados.

Autor proeminente das forças inconscientes que movem o ser humano, Sigmund Freud foi um defensor da ideia do desamparo humano, abordando-a em diversos textos, a exemplo de *Inibições, sintomas e angústia* (1926), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização* (1929). Em que, no segundo texto, no que se refere à religião, é dito que o ser humano terá de admitir seu completo desamparo, sua irrelevância na engrenagem do universo; já não será o coração da Criação, o objeto de carinhosa atenção de uma Providência bondosa” (FREUD, [1927] 2014, p. 292).

No tópico III de *O futuro de uma ilusão* Freud aponta os perigos que nos rodeiam, especialmente se vivêssemos em completo estado de natureza, em que todos estariam livres para satisfazerem seus impulsos e desejos latentes, certamente viveríamos em constantes conflitos/embates. No entanto, foi exatamente para escapar desses perigos e amenizar as forças da natureza frente à insignificância humana que os homens se reuniram e criaram a cultura. Ainda assim, viver em sociedade não resolveu os problemas humanos, isso significou uma série de renúncias instintuais e um constante sentimento de angústia frente à vida.

Nesse sentido, Freud nos mostra que o ser humano se sente abandonado, tal qual no modelo infantil, encontrando-se desamparado, especialmente pela figura paterna. O homem adulto, de maneira similar, transforma as forças naturais não apenas em indivíduos, mas lhes atribui um caráter paterno, transformam-nas em deuses, ou seja, diante do abandono que sente, o homem atribui, inicialmente, às forças da natureza caráter humano, principalmente paterno, mas, com o passar do tempo, estas mesmas forças perderam seus traços humanos. No entanto, o que ficou latente foi o desamparo e o anseio desesperado pela figura paterna e, conseqüentemente, pelos deuses. Assim, diante da necessidade humana em assimilar os fenômenos da existência que são percebidos como inexplicáveis, criam-se os mitos como

forma de resposta as especulações demandadas pela não compreensão do saber do homem primitivo.

O desamparo fundamental e o anseio pela figura paterna nos conduzem aos preceitos norteadores desta pesquisa. Se pensarmos que tais características infantis não são exclusivas de sujeitos isolados, responsáveis pela constituição de sua ontologia, mas sim que estão na gênese da espécie, poderíamos buscar, filogeneticamente, explicações para a necessidade humana de proteção, sobretudo as de caráter paterno.

Deste modo, trazemos para a discussão algumas das ideias de *Totem e tabu*, texto escrito entre 1912-1913, no qual Freud visava aplicar um olhar psicanalítico à psicologia dos povos. Utilizando-se de contribuições dos diversos estudos de pesquisadores da antropologia cultural, com o intuito de fundamentar e articular os costumes dos povos primitivos com diversas questões que contribuíram com a origem da civilização.

A partir de suas pesquisas antropológicas, Freud cria o mito da horda primeva, o assassinato do pai totêmico e o que dele se segue como consequência, que levaram às hipóteses acerca da origem das instituições sociais e culturais, assim como a base das religiões, da moralidade e a consciência de culpa.

O autor de *Totem e tabu* começa seu itinerário fazendo uma explanação acerca das características dos povos primitivos, mostrando suas crenças e como se dava a ideia de organização dos clãs. Para isso, Freud faz uma descrição do sistema totêmico, no qual o clã manifestará uma série de cuidados e adorações ao totem, sendo este não só visto apenas como o ancestral em comum de todo o clã como também espírito protetor. Dentre os pilares que sustentam esse sistema estava a exogamia, a proibição ao incesto e os cuidados sagrados para com o animal totêmico. A transgressão de algum dos referidos pilares era vista com repulsa e punida energicamente pelos membros do clã.

Assim como o significado simbólico do totem, encontra-se também em meio aos povos primitivos a ideia de tabu, que tanto podia ser considerado como algo “sagrado” como também algo “impuro” e “proibido”. Segundo Wundt (Apud. Freud), seriam os tabus o mais antigo código de leis não escritas da humanidade. A maioria dessas proibições derivadas do tabu dizem respeito à capacidade de fruição, à liberdade de movimentos e comunicação, recaindo estas proibições sobre atividades nas quais havia um forte pendor. Desse modo, pode-se dizer que os tabus organizaram as sociedades, desde os seus primórdios, vindo a serem transformados em tradições e passadas de geração em geração. Tornando-se assim coerção dos costumes e, por fim, em lei. Em síntese, Freud vai dizer que:

Tabu é uma proibição antiquíssima, imposta do exterior (por uma autoridade) e voltadas contra os mais fortes desejos do ser humano. A vontade de transgredi-lo continua a existir no inconsciente; aqueles que obedecem ao tabu têm uma postura ambivalente quanto ao alvo do tabu. A força mágica a ele atribuída remonta a capacidade de induzir em tentação; ela age como um contágio porque o exemplo é contagioso, e porque o desejo proibido desloca-se para outra coisa no inconsciente. Expiar a violação com uma renúncia mostra que na base da obediência ao tabu se acha uma renúncia (FREUD [1912] 2012, p. 65).

Para explicar a exogamia e a proibição em relação ao incesto, Freud vai relacioná-las a hipótese da horda primeva de Darwin, onde ele deduziu que, assim como os macacos, nessa horda primeva haveria o macho forte (pai) que impunha sua autoridade sobre todos os outros (filhos) da horda, assim como tinha todas as mulheres para si. Através da análise freudiana, nos é dito que os machos mais jovens foram expulsos pelo pai e que, tal expulsão, certo dia, levou os jovens a se reunirem e a direcionarem sua revolta para o motivo de sua angústia, no caso, a figura paterna. Dessa revolta culminou o assassinato do pai, em que ele foi devorado e partilhado entre os filhos, aponta Freud:

Depois que o eliminaram, satisfizeram seu ódio e concretizaram o desejo de identificação com ele, os impulsos afetuosos até então subjugados tinham de impor-se. Isso ocorreu em forma de arrependimento, surgiu uma consciência de culpa, que aí equivale ao arrependimento sentido em comum. O morto tornou-se mais forte do que havia sido vivo; tudo como ainda hoje vemos nos desejos humanos. Aquilo que antes ele impedira com sua existência eles proibiram então a si mesmos, na situação psíquica da ‘obediência a posteriori’, tão conhecida nas psicanálises. Eles revogaram seu ato, declarando ser proibido o assassinio do substituto do pai, o totem, e renunciaram à consequência dele, privando-se das mulheres então liberadas. Assim, criaram a partir da consciência de culpa do filho, os dois tabus fundamentais do totemismo, que justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. Quem os infringia tornava-se culpado dos dois crimes que inquietavam a sociedade primitiva (FREUD [1912] 2010, p. 218-219).

Após o parricídio, os filhos desenvolveram uma consciência de culpa diante do ato cometido, veem seu apoio na vida em conjunto com os irmãos, quando a culpa é dividida entre eles, criando assim a organização social. Portanto, vão deslocar os sentimentos ambivalentes, antes direcionados ao pai para o seu sucedâneo como forma de adoração e também misturada com temor e receio pelo ato cometido contra o pai (consciência de culpa), assim, na esteira deste ato, surgirá a base das religiões.

A moralidade surgiu a partir dessa noção de crime cometido, uma vez que dentro da organização social eles irão vigiar uns aos outros visando evitar o surgimento de possíveis infrações. Com isso, fazendo a aproximação dos neuróticos com os povos primitivos, e como foi desencadeado os eventos apresentados, Freud mostra-nos como os sentimentos ambivalentes, presentes em todos os seres, ocasionaram a interiorização da cultura pelo

homem e, por consequência, todos os mecanismos que permitem que este consiga construir e conviver em uma civilização.

Para explicitar nosso ponto de vista se faz necessário desenvolver alguns dos conceitos apresentados em *Totem e tabu*. Inicialmente, é importante destacar as características do pai da horda primeva, ao passo que este era um chefe ciumento – todas as mulheres da horda constituíam sua propriedade –, impondo suas vontades e desejos a todos que estavam sob sua “proteção”. Portanto, era uma figura autoritária, de grande poder, “o gozo primitivo desse pai vivo, que anuncia a interdição e ameaça castrar todos os homens. Ele é o único que se exclui da lei que impõe aos outros” (QUINET, 2015, p. 26), pois foi ele quem as criou. Devido à posição que ocupava, os filhos tinham para com ele sentimentos ambivalentes. Todos almejavam ocupar o seu lugar, nutriam grande admiração e medo. O pai tirano não só era invejado como também admirado, ao mesmo tempo que era odiado.

O parricídio cometido pelos filhos deu origem ao primeiro deslocamento do nome do Pai. Diante do ato cometido, os filhos que agora carregam o sentimento de culpa, perceberam que ninguém poderia ocupar o lugar do pai e se deparam com o sentimento de desamparo. Essa condição de desamparo foi o que possibilitou a origem do totem, que viria a ocupar o lugar paterno e oferecer a proteção perdida pela a horda. Nesse sentido, “Tudo isso considerado, é grande a probabilidade de que a cultura totêmica tenha sido, em toda parte, um estágio preliminar dos desenvolvimentos posteriores e uma fase de transição entre o estado do homem primevo e a era dos deuses e heróis” (WUNDT apud FREUD, 1912-1913, p. 156).

Vale salientar que, segundo Saroldi (2012), “é por meio da pesquisa antropológica, aliada a experiência clínica, que Freud encontrará remanescentes do sistema totêmico no comportamento do homem moderno” (SAROLDI, 2012). Freud criou o mito da horda primeva na tentativa de dar uma explicação filogenética às observações dos conteúdos clínicos que seus pacientes apresentavam, ou seja, buscou aplicar os preceitos do complexo de Édipo à gênese da história humana.

Seguindo essa trajetória, acreditamos ser relevante trazer a nossa argumentação o essencial da narrativa do mito de *Édipo rei*, de Sófocles, uma clássica tragédia teatral na qual Freud extraiu os fundamentos do que denominou complexo de Édipo.

A narrativa descreve a história de Laio, rei de Tebas, que após ser avisado por um Oráculo sobre seu terrível futuro: ser assassinado pelo próprio filho que, logo em seguida, se

casaria com sua esposa, Jocasta. Para evitar tamanha tragédia, Laio entrega seu filho a um servo que o abandona numa deserta montanha, colocando-lhe pregos nos pés para que morresse. No entanto, um pastor o encontra e lhe entrega ao rei de Corinto (Políbio) e sua esposa, que o criaram como filho, dando-lhe o nome de *Edipodos* (pés-furados). Anos depois, ao consultar o Oráculo, Édipo recebe a mesma previsão que seu pai Laio um dia recebeu. Mas, acreditando que se tratava dos seus pais adotivos, Édipo foge de Corinto para evitar a tragédia. Em fuga, esbarra com um bando de negociantes e seu líder, Laio, numa tríplice encruzilhada e, após uma discussão, acaba matando a todos, sem saber que o líder era, na verdade, seu pai.

Édipo segue viagem e chega em Tebas, onde decifra o enigma da Esfinge e liberta a cidade de seu poderio, recebendo como agradecimento a mão da rainha Jocasta, agora viúva de Laio. Os dois se casam e concebem quatro filhos. Um longo tempo se passa até que uma peste chega à cidade, o rei Édipo consulta o Oráculo para resolver a questão e acaba por descobrir sua triste sorte: havia matado seu pai anos antes, desposado sua mãe e se tornado pai de seus irmãos. Diante de tamanho infortúnio, Jocasta, tomada de horror, comete suicídio e Édipo fura seus próprios olhos para não mais ver sua desgraça:

ÉDIPO:  
 Tristeza! Tudo agora transparece!  
 Recebe, luz, meu derradeiro olhar!  
 De quem, com quem, a quem – sou triplo equívoco:  
 ao nascer, desposar-me, assassinar! (SÓFOCLES, 2001, p. 97)

Trazendo para a psicanálise, o Édipo apresenta-se como o modelo do drama existencial humano, o destino comum a todos. Freud pontua em *A interpretação dos sonhos* (1900) que

Deve existir uma voz dentro de nós disposta a reconhecer o poder imperioso do destino de Édipo [...] seu destino nos comove apenas porque poderia ter sido também o nosso, porque o oráculo pronunciou a mesma maldição contra nós antes de nascermos. Todos éramos talvez predestinados a voltar nosso primeiro impulso sexual para a nossa mãe e nosso primeiro ódio e desejo violento para nosso pai (FREUD [1900] 2019, p. 303).

O que Freud extrai do mito e que vem a se tornar o núcleo do complexo de Édipo é a ideia de que, na relação da tríade familiar (pai-mãe-filho), existe um desejo incestuoso presente na criança direcionado para a mãe, assim como a indesejada interferência do pai que se põe entre a mãe e a criança, somando-se a esta tríade a ambivalência dos sentimentos.

Segundo J. D. Nasio, em *Édipo O complexo do qual nenhuma criança escapa*, nos mostra que

Nenhuma criança escapa ao Édipo! Por que? Porque nenhuma criança de quatro anos, menino ou menina, escapa a torrente das pulsões eróticas que lhe afluem e porque nenhum adulto de seu ciclo imediato pode evitar ser o alvo de suas pulsões ou tentar bloqueá-las.

Reforçando assim o que Freud já bem formulou sobre o complexo de Édipo e seu caráter universal, sendo este um processo vivido e revivido pelo ser humano nos anos iniciais de sua vida.

Por ora, não entraremos nos pormenores da questão, visto que o que nos interessa em relação ao complexo de Édipo é a sua estrutura geral e as consequências psíquicas deixadas na criança. No tocante ao primeiro, destaca-se a tríade familiar, em que a criança direciona para a sua mãe desejos sexuais e enxerga no pai o grande rival, aquele que a impede de ter a mãe por completo e a ameaça de castração. As consequências psíquicas desse conflito, segundo Freud, na resolução do complexo de Édipo é a inserção da criança na realidade, pela quebra das relações simbióticas, através do reconhecimento das interdições, ou seja, pelo reconhecimento da autoridade paterna na relação. Esta figura paterna, inicialmente, percebida como mero obstáculo à realização dos desejos, é aos poucos introjetada. É assim que, progressivamente, a criança introjeta a lei, desenvolve o Supereu, o sentimento de culpa, o senso moral e estabelece sua identidade sexual.

Assim, Nasio (2007) nos diz que:

No Édipo, é a primeira vez na vida que dizemos ao nosso insolente desejo: “Calma! Fique mais tranquilo! Aprenda a viver em sociedade!” Assim, concluímos que o Édipo é a dolorosa e iniciática passagem de um desejo selvagem para um desejo socializado, e a aceitação igualmente dolorosa de que nossos desejos jamais serão capazes de se satisfazer totalmente.

Posto isto, consideramos as aproximações entre as vivências do complexo de Édipo e o que nos foi apresentado por Freud em *Totem e tabu*, a saber: 1) a estrutura da horda se dá pela figura do macho alfa dominante (Pai) e pela impossibilidade de satisfação sexual dos filhos com as mulheres da horda. No Édipo seguimos a mesma lógica, o pai é o mais forte e o detentor da mãe, impedindo a satisfação sexual da criança; 2) o assassinato do pai da horda seria revivido em cada criança durante o complexo de Édipo, sendo que neste último seria cometido apenas simbolicamente; 3) o festim totêmico, no qual o totem é ingerido e pranteado ao mesmo tempo, assemelha-se ao fato da criança identificar-se com o pai que, na impossibilidade de o destruir, torna-se seu semelhante e o internaliza; 4) o estabelecimento da

comunidade fraterna se dá através do surgimento da consciência de culpa e da introjeção da lei, pela criança, na resolução do complexo de Édipo surge o Supereu e o interesse para o ciclo social; 5) Por fim, o sentimento de culpa gera nos primitivos os dois tabus fundamentais: o parricídio e o incesto. Estes são os dois interditos ativos que atuam na cena edípica. Sendo assim, “No complexo de Édipo e no complexo de castração o pai desempenha o mesmo papel, o de temido adversário dos interesses sexuais infantis. A castração ou seu substituto, o “enceguecimento”, é o castigo com que ele ameaça” (FREUD, [1912-1913] 2012 p. 200). Semelhante ao mito de Édipo.

No IV ensaio de *Totem e tabu*, em específico *O retorno do totemismo na infância*, Freud diz que:

[...] Se o animal totêmico é o pai, o teor dos dois principais mandamentos do totemismo - os dois preceitos que constituem seu núcleo, não matar o totem e não ter relações sexuais com uma mulher do totem - coincidem com os dois crimes de Édipo, que matou o pai e tomou a mãe por esposa, e com os dois desejos primordiais da criança, desejos cuja repressão insuficiente ou cuja redespertar forma o núcleo de talvez todas as psiconeuroses (FREUD, [1912-1913] 2012 p. 203).

Assim, em seus posteriores escritos sobre a cultura, Freud parte de uma visão em que “há uma analogia entre a filogênese e a ontogênese, de que os processos que afetam o desenvolvimento da espécie se repetem em cada criança que nasce” (SAROLDI, 2012). Sendo cabível dizer que cada criança seria, em certa medida, um pequeno selvagem que precisa ser “civilizado”.

No rastro dessas considerações destaca-se o segundo deslocamento do nome do Pai, de modo que o totem poderia ser a primeira forma de sucedâneo do pai, e o deus, uma posterior, em que o pai readquire sua configuração humana. Caracterizado no deslocamento do totem para a figura do Deus-pai, onde o totem deixa de ter características animal/vegetal para assumir a forma humana. Em *O futuro de uma ilusão* Freud nos diz que

[...] o ser humano transforma as forças naturais não simplesmente em indivíduos, com os quais pode lidar como faz com seus iguais - isso não faria jus a impressão avassaladora que lhes causam - mas lhes dá um caráter paterno, transforma-as em deuses, e nisso segue não apenas um modelo infantil, mas também filogenético (FREUD, [1927] 2014, p. 249).

Com o passar do tempo, foi deixando-se de atribuir às forças da natureza traços humanos, no entanto, permanece a condição de desamparo do ser humano e o anseio pelo pai, e os deuses. Noutras palavras, podemos dizer que “Com o sucedâneo do pai pode-se fazer a

tentativa de mitigar o vivo sentimento de culpa, de obter uma espécie de conciliação com o pai” (FREUD, [1912-1913] 2012, p. 220).

Em *Totem e tabu* Freud abordou a primeira forma na qual a divindade paterna protetora se manifestou, esmiuçando o totemismo e os rituais dos selvagens para com o totem sagrado da horda. Portanto, “O sistema totêmico foi, digamos, um contrato com o pai, em que este concedia tudo o que a fantasia da criança podia dele esperar, proteção, cuidado, indulgência, em troca do compromisso de honrar sua vida” (FREUD, [1912-1913] 2012, p. 220). Sendo aqui o totemismo os primeiros passos para a religião, sua base.

Logo, a gênese psíquica das ideias religiosas consiste na impressão deixada pelo desamparo na criança que despertou “a necessidade de proteção - proteção através do amor -, fornecida pelo pai; e a compreensão de que esse desamparo continua por toda vida motivou o apego a existência de outro pai - agora mais poderoso”(FREUD, [1927] 2014, p. 266).

A análise psicanalítica do indivíduo mostra que “para cada pessoa o deus é modelado no pai, que a relação pessoal com o Deus depende de sua relação com o pai carnal, que oscila e se transforma com ela, e que Deus, no fundo, nada mais é que um pai elevado” (FREUD, [1912-1913] 2012, p. 224). Assim como o complexo de Édipo que, mesmo tendo caráter universal, vai ocorrer de maneira única em cada indivíduo.

Outro ponto que merece destaque são os rituais presentes tanto no totemismo como nas religiões. Freud, citando Smith, fala sobre um elemento essencial no ritual das antigas religiões: o sacrifício no altar. “Tem o mesmo papel em todas as religiões, de modo que devemos relacionar sua origem a causas bastante gerais, que em toda parte atuavam da mesma forma” (FREUD, [1912-1913] 2012, p. 204). Tendo como fundamento a partilha em que Deus e seus adoradores desfrutavam juntos a carne e o sangue, sendo essencial que cada um dos participantes tivesse a sua parte da refeição.

Esses sacrifícios geralmente eram uma cerimônia pública, “a festa de todo um clã. A religião era assunto de todos, o dever religioso era parte da obrigação social” (FREUD, [1912-1913] 2012, p.206). Pegando o ritual, por exemplo, da igreja Católica e suas características, nota-se traços do ritual totêmico, como a partilha pelos cristãos da carne (corpo) e do sangue de Cristo. Noutras palavras, o Deus-pai seria o animal totêmico devorado e pranteado pelos filhos. No ato de devorá-lo, por meio da hóstia, eles realizam a identificação com Deus, e

cada um apropria-se “de parte de sua força. a refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso, com o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais, a religião” (FREUD, [1912-1913] 2012, p.217).

Em suma, pode-se ver mais um deslocamento do pai da horda primeva e características semelhantes dos filhos-religiosos com os filhos-selvagens, e que também se assemelha, como já foi mostrado anteriormente, com os filhos do complexo de Édipo. O que fica claro em todos os casos é o desamparo do sujeito e sua incessante busca por proteção, especialmente as de caráter paterno.

Eles odiavam o pai, que constituía forte obstáculo a sua necessidade de poder e suas reivindicações sexuais, mas também o amavam e o admiravam. Depois que o eliminaram, satisfizeram o seu ódio e concretizaram o desejo de identificação com ele, os impulsos afetuosos até então subjugados tinham de impor-se (FREUD, [1912-1913] 2012, p. 218).

Assim, a sociedade repousa então na culpa comum pelo crime cometido (que seja no real da horda ou no simbólico dos seus deslocamentos); “a religião, na consciência de culpa e no arrependimento por ele; e a moralidade, em parte nas exigências dessa sociedade e em parte nas penitências requeridas pela consciência de culpa” (FREUD, [1912-1913] 2012, p. 223).

Vale salientar ressalvas feitas sobre o mito freudiano no tocante à sua veracidade, se seria de fato um acontecimento histórico ou apenas uma ficção necessária, (que daria conta de aspectos da realidade). Para a psicanálise, essa resposta é de menor importância, uma vez que o “fundamental é que o mito do parricídio ‘resolve’ o enigma do sentimento de culpa, observável na clínica e fora dela, e dá conta da ambivalência de sentimentos que se manifesta no comportamento do homem civilizado” (SAROLDI, 2012).

O que queremos deixar claro nesse ponto para seguirmos adiante com o rumo da pesquisa/estudo são os deslocamentos do pai para o totem, do totem para Deus-pai e, posteriormente, seus derivados no sistema social (tema do capítulo seguinte). Assim, “O próprio deus é erguido tão acima dos homens que apenas pela mediação do sacerdote se pode lidar com ele. Ao mesmo tempo, reis divinos surgem na ordenação social, transpondo o sistema patriarcal para o estado” (FREUD, [1912-1913] 2012, p. 228).

## 2.2 - PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DOS “EUs”

Antes de começarmos a explanação propriamente dita acerca da psicologia das massas, faz-se necessário desenvolver dois dos conceitos citados anteriormente e que se mostram relevantes ao desenvolvimento deste tópico, sendo eles: a consciência de culpa e o Super-eu.

O conceito de consciência de culpa foi melhor desenvolvido por Freud em *O mal-estar na civilização*, texto que, como já dito noutro momento, faz parte das análises de Freud aplicado à psicologia dos povos. Nele, o psicanalista diz que

[...] no início a consciência (mais corretamente: o medo que depois se torna consciência) é causa da renúncia instintual, mas depois se inverte a relação. Toda renúncia instintual torna-se uma fonte dinâmica de consciência, toda nova renúncia aumenta o rigor e a intolerância desta, e, se pudéssemos harmonizar isso melhor com o que sabemos da história da origem da consciência, seríamos tentados a defender a tese paradoxal de que a consciência é resultado da renúncia instintual, ou de que esta (a nós imposta pelo exterior) cria a consciência, que então exige mais renúncia instintual (FREUD, [1930] 2010, p. 99).

Podemos inferir que na base da consciência encontra-se a renúncia instintual e, a partir desta, que aos poucos passa a ser internalizada pelo sujeito enquanto “norma”, ocorre o reforço da culpa diante de cada novo instinto que necessite ser renunciado. Assim, a consciência de culpa renova-se e ganha mais força a cada renúncia feita e, por conseguinte, quanto maior for a consciência de culpa mais renúncia instintual exigirá.

Mesmo diante da renúncia instintual o desejo ainda continuará a existir, e na impossibilidade de ser escondido do Super-eu, produz o sentimento de culpa presente na consciência. Nesse sentido, “O infortúnio que ameaça a partir de fora - perda do amor e castigo da autoridade externa - é trocado por uma permanente infelicidade interna, a tensão da consciência de culpa” (FREUD, [1930] 2010, p. 98). Logo, num primeiro momento, a dinâmica aplicada à consciência de culpa consiste na renúncia instintual decorrente do medo da autoridade externa e, em seguida, no estabelecimento da autoridade interna, em que esta passa a exercer a função que aquela exercia – renúncia instintual devido ao medo, sendo este da própria consciência.

Conhecemos, então, duas origens para o sentimento de culpa: o medo da autoridade e, depois, o medo ante o Super-eu. o primeiro nos obriga a renunciar às satisfações instintuais, o segundo nos leva também ao castigo, dado que não se pode ocultar ao Super-eu a continuação dos desejos proibidos [...] ela simplesmente dá continuidade ao rigor de autoridade externa, a que sucedeu e que em parte substitui. Originalmente a renúncia instinto é resultado do medo a autoridade externa; renuncia-se satisfações para não perder o seu amor (FREUD, [1930] 2010, p.97).

Isto posto, trazemos para a discussão o conceito de Super-eu, o qual foi melhor desenvolvido em *O Eu e o Id* (1923), em que Freud apresenta-nos a sua segunda tópica, relatando a existência das três instâncias psíquicas, sendo estas: o *Id* (Isso) o *Eu* e o *Super-eu*. Cada instância apresenta uma função específica, sabendo-se que o funcionamento de cada uma delas acontece indissociavelmente das demais, ocorrendo um tipo de inter-relação e, por conseguinte, influenciando-se reciprocamente.

O *Id* seria a fonte da energia psíquica (libido), correspondente direto do inconsciente. Sendo composto pelos impulsos orgânicos, os instintos, as pulsões e os desejos inconscientes. Regido pelo princípio do prazer, isto é, busca a todo custo o que proporciona prazer e evita o que causa desprazer. O *Id* enquanto instância psíquica desconhece a lógica, os valores, a ética ou até mesmo a moral, portando-se de modo impulsivo, irracional e egoísta. Então, conforme os apontamentos de Freud, na origem tudo era o *Id*.

O *Eu* vem a ser, segundo nos diz Freud ([1923] 2011, p.31), “a parte do *Id* modificada pela influência direta do mundo exterior”. É a instância mediadora, integradora e harmonizadora entre as pulsões do *Id* e as fortes exigências do *Super-eu*, ou, nas palavras de Freud, “ela também se esforça em fazer valer a influência do *Id* sobre o mundo externo e os seus propósitos, empenha-se em colocar o princípio da realidade no princípio do prazer, que vigora irrestritamente no *Id*” (FREUD, [1923] 2011, p. 31).

O *Super-eu* vem a ser o herdeiro do complexo de Édipo, é a expressão dos mais fortes e poderosos impulsos e dos mais importantes destinos libidinais decorrentes do *Id*, nesse sentido, “por trás dele se esconde a primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai da pré-história pessoal” (FREUD, [1923] 2011, p. 38-39). Sendo estruturado através do processo de identificação com o *Super-eu* dos pais:

O *Super-eu* conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o Complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o *Super-eu* terá domínio sobre o *Eu* como consciência moral, talvez com o inconsciente sentimento de culpa (FREUD, [1923] 2011, p. 31).

O *Super-eu* (ideal do eu) satisfaz o que se espera de mais elevado no ser humano, portanto:

Como formação substitutiva do anseio pelo pai, contém o gérmen a partir do qual se formaram todas as religiões. O juízo acerca da própria insuficiência, ao comparar o *Eu* com seu ideal, produz o sentimento religioso de humildade que o crente invoca ansiosamente. No curso posterior do desenvolvimento, professores e autoridades levam adiante o papel do pai; suas injunções e proibições continuam poderosas no ideal do *Eu*, e agora exercem a censura moral como *consciência*. A tensão entre às expectativas da consciência e as realizações do *Eu* é percebida como *sentimento de*

*culpa*. Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, com base no mesmo ideal do Eu (FREUD, [1923] 2011, p. 46).

Assim, o que fica patente acerca dos conceitos supracitados é que uma mudança significativa “ocorre apenas quando a autoridade é internalizada pelo estabelecimento de um Super-eu. Com isso os fenômenos da consciência [*Gewissen*] chegam a um novo estágio; no fundo, só então deveria falar de consciência de culpa e sentimento de culpa” (FREUD, [1930] 2010, p. 95).

Após ter internalizado a ordem externa, a partir do complexo de Édipo, dar-se lugar ao Super-eu, instância da qual nada se pode esconder, nem mesmo os pensamentos, nos diz Freud que “O Super-eu atormenta o Eu pecador com as mesmas sensações de angústia e fica à espreita de oportunidades para fazê-lo ser punido pelo mundo exterior” (FREUD, [1930] 2010, p. 95). Logo, “não se deve falar de consciência moral antes de demonstrar a existência de um Super-eu; quanto à consciência de culpa, é preciso admitir que se apresenta antes do Super-eu, ou seja, também antes da consciência moral” (FREUD, [1930] 2010, p. 109).

Isto posto, direcionemos nossa atenção ao itinerário de Psicologia das massas e análise do eu (1921), o qual tomaremos como base para o desenvolvimento dessa sessão. Inicialmente, Freud mostra-nos o quão indissociável é a psicologia individual da psicologia das massas, uma vez que não se pode abstrair do ser particular suas relações com os “demais” indivíduos que compõem o meio no qual ele está inserido. Nesse sentido, “Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado” (FREUD, [1921] 2011, p. 14).

As relações sociais, desde seu início, com os pais, irmãos, professores, amigos etc., já mostram o caráter social presente em cada ser humano

Portanto, a psicologia da massa trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim. Após essa ruptura de um laço natural, o passo seguinte é considerar os fenômenos que surgem nessas condições especiais como manifestações de um instinto especial irredutível a outra coisa, o instinto social - *herdinstinct*, *group mind* [instinto de rebanho, mente de grupo] -, que não chega a se manifestar em outras situações (FREUD, [1921] 2011, p. 15).

Logo, para além das relações cotidianas do indivíduo com um número reduzido de pessoas do seu convívio cotidiano, somos impelidos a lançarmos nosso olhar para a investigação de como os indivíduos se comportam quando são membros integrantes de uma massa organizada. Segundo nos diz Freud, “Teria de explicar o fato surpreendente de que esse indivíduo, [...] em determinada condição pensa, sente e age de modo completamente distinto

do esperado, e esta condição é seu alinhamento em uma multidão que adquiriu características de uma “massa psicológica” (FREUD, [1921] 2011, p. 17). Levantando, assim, questões sobre “o que vem a ser essa massa?” e “como ela influencia a vida psíquica do ser individual ao ponto de causar-lhe alterações?”

Baseado nos escritos de Le Bon, Freud mostra-nos um caminho para esta compreensão, logo:

O fato mais singular, numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente de que cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente (LE BON apud FREUD, [1921] 2011, p. 1718).

Conforme nos mostra Le Bon, o comportamento grupal produz novas características no indivíduo da massa, sendo uma delas, num primeiro momento, “que o indivíduo em massa adquire, pelo simples fato do número, um sentimento de poder invencível que lhe permite ceder a instintos que, estando só, ele manteria sob controle” (LE BON apud FREUD, [1921] 2011, p. 20), ou seja, a responsabilidade no interior do grupo sobre as ações cometidas é diluída, desaparecendo o senso de responsabilidade e o medo de sofrer represálias por parte do meio social, cerne da consciência moral do sujeito.

Por outro lado, num segundo momento, o contágio mental, que consiste no fato das ações no interior da massa serem facilmente aceitas pelos membros, a ponto de facilmente sacrificarem seus interesses pessoais para que sejam cumpridos o desejo coletivo. Por fim, o terceiro ponto refere-se à sugestionabilidade da massa, em que o indivíduo, como no estado de hipnose, “não é mais ele mesmo, mas um autômato cuja vontade se tornou impotente para guiá-lo” (FREUD, [1930] 2010, p. 23). Temos que

Portanto, pelo simples fato de pertencer a uma massa, o homem desce vários degraus na escala da civilização. Isolado, ele era talvez um indivíduo cultivado, na massa é um instintivo, e em consequência um bárbaro. Tem a espontaneidade, a violência, a ferocidade, e também os entusiasmos e os heroísmos dos seres primitivos (LE BON apud FREUD, [1921] 2011, p. 24).

Das características mencionadas por Le Bon, Freud destaca, em especial, a sugestionabilidade que, por sua vez, abarca o conceito de contágio mental.

Para além das considerações destacadas acima, Freud volta sua atenção para a descrição da alma da massa, levando em consideração as semelhanças desta com a vida anímica dos povos primitivos e das crianças. Desta forma, ele nos diz que “a massa é impulsiva, volúvel e excitável” (FREUD, [1921] 2011, p. 25), ela é, em suas palavras, “extraordinariamente influenciável e crédula, é acrítica, o impossível não existe para ela” (FREUD, [1921] 2011, p. 25).

Por conseguinte, os sentimentos no interior da massa serão sempre simplórios e muito exaltados. Assim, conforme nos diz Freud, “quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar, com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa” (FREUD, [1921] 2011, p. 27). Portanto,

Como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, ela tem consciência de sua enorme força, ela é, ao mesmo tempo, intolerante e crente na autoridade. Ela respeita a força, e deixa-se influenciar apenas momentaneamente pela bondade, que para ela é uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é fortaleza, até mesmo violência. Quer ser dominada e oprimida, quer temer os seus senhores. No fundo inteiramente conservadora, tem profunda aversão a todos os progressos e inovações, e ilimitada reverência pela tradição (FREUD, [1921] 2011, p. 27).

Em suma, Freud diz que “as massas nunca tiveram sede de verdade” (FREUD, [1921] 2011, p. 29), elas necessitam de ilusões e, conforme expressa o autor, “das quais não podem renunciar. Nelas o irreal tem primazia sobre o que é real, o que não é verdadeiro as influências quase tão fortemente quanto o verdadeiro. Elas têm a visível tendência de não fazer distinção entre os dois” (FREUD, [1921] 2011, p. 29).

À vista disso, após desenvolver considerações a respeito da alma da massa, no tocante à sua constituição, Freud nos apresenta outro ponto de destaque para sua formação, a saber: a necessidade de um líder. Para Freud, “A massa é um rebanho dócil, que não pode jamais viver sem um senhor. Ela tem tamanha sede de obediência, que instintivamente se submete a qualquer um que se apresente como seu senhor” (FREUD, [1921] 2011, p. 30).

Afunilando as observações gerais feitas sobre os mais diversos tipos de massas das quais essas considerações se fazem pertinentes, Freud volta seu olhar para as formações mais específicas, organizadas, duradouras e coesas e que, para o rumo de nossa investigação, nos são mais valiosas. Referimo-nos às duas massas artificiais descritas no texto, a saber: a **Igreja**, comunidade dos crentes, e às forças armadas, o **Exército**.

Ambas se caracterizam como massas artificiais, ou seja, necessitam de uma insistente coerção externa aplicada à massa, para que se evite mudanças em sua estrutura e/ou sua dissolução. Logo, “A tentativa de desligamento é desestimulada ou severamente punida, ou está sujeita a condições bem determinadas” (FREUD, [1921] 2011, p. 47). Segundo nos diz Freud,

Na igreja - podemos, com vantagem, tomar a Igreja católica como modelo - prevalece, tal como no Exército, por mais diferente que sejam de resto, a mesma simulação (ilusão) de que há um chefe supremo - na Igreja católica, Cristo, num Exército, o general - que ama com o mesmo amor todos os indivíduos da massa. Tudo depende dessa ilusão; se ela fosse abandonada, imediatamente se dissolveriam tanto a igreja como o Exército, na medida em que a coerção extrema o permitisse (FREUD, [1921] 2011, p. 47).

Dessa forma, notamos que a necessidade primeira para manter a organização das massas se faz presente através da figura de um líder que, segundo percebemos, “ame a todos com o mesmo amor”, atribuindo caráter de igualdade a todos os membros. Assim, de uma suposta igualdade dentre os semelhantes, os ditos iguais, surge em meio à massa o sentimento de fraternidade, ao passo que, no seio da igreja, irmãos em Cristo, e, por conseguinte, no Exército, irmãos pela pátria. Nas palavras de Freud,

Não há dúvidas de que a ligação de cada indivíduo a Cristo é também a causa da ligação deles entre si. Algo parecido vale para o Exército; o general é o pai, que ama igualmente todos os seus soldados, e por isso são camaradas entre si (FREUD, [1921] 2011, p. 48).

Os indivíduos pertencentes às massas se acham ligados libidinalmente ao seu líder, seja a figura do Cristo ou a do general, e, por outro lado, entre os demais membros. Essa dupla ligação acarreta num fenômeno observado pelo “pai da psicanálise”, o de que ser membro de uma massa resulta numa ausência de liberdade pessoal. Portanto, “Se ocorre, para cada indivíduo, uma tão pródiga ligação afetiva em duas direções, não será difícil derivar dessa situação aquilo que se constatou, ou seja, a mudança e limitação de sua personalidade” (FREUD, [1921] 2011, p. 49).

Outro ponto que merece destaque é o fato de que, no interior das massas, sentimentos ambivalentes também se fazem presentes. Os membros estão ligados entre si através da sensação de acolhimento ao partilhar algo em comum que impera nessa dinâmica, quanto aos sentimentos hostis, na impossibilidade de serem extravasados no interior da massa, acabam direcionados ao exterior. Segundo nos aponta Freud, “Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras pessoas para que se exteriorize a

agressividade” (FREUD, [1930] 2010, p. 80-81). Constatamos tais fenômenos ao observar a rivalidade da massa em relação aos que lhe são estranhos, a exemplo do que pode vir a acontecer em decorrência da intolerância religiosa, em que membros de uma religião X ofendem e acabam por denegrir membros de uma religião Y, ou quando uma nação passa a rivalizar com outra, às vezes em decorrência de diferenças culturais, hábitos etc., ou, melhor dizendo, quando alguns membros de uma dada nação rivalizam com os de outra completamente diferente, (ex: Brasil e Argentina).

Não é por menos que, nos parágrafos finais do III tópico de *O futuro de uma Ilusão* (1927), Freud nos dirá o seguinte:

Em virtude dessas diferenças, cada cultura se arroga o direito de menosprezar as outras. Dessa maneira, os ideais culturais se tornam ensejo para discórdia e inimizade entre diferentes grupos culturais, como claramente se vê entre as nações (FREUD, [1927] 2014, p.244).

Do mesmo modo, Freud investigou outros mecanismos de ligação afetiva que se acham presentes no interior das massas, as chamadas “Identificações”. Segundo nos diz o autor,

A psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a outra pessoa. Ela desempenha um determinado papel na pré-história do complexo de Édipo. O garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente: ele toma o pai como o seu ideal (FREUD, [1921] 2011, p. 60).

A pesquisa psicanalítica nos mostra que o “Ideal do Eu” se caracteriza como um modelo no qual o indivíduo busca se igualar. É uma imagem idealizada de um lugar em que ele se sentiria devidamente amado/acolhido, consideraria a si mesmo como alguém realizado e que, conseqüentemente, encontraria satisfação caso o atingisse. Esse lugar idealizado viria a substituir o narcisismo infantil pela identificação com os ideais parentais e, muitas vezes, com os ideais coletivos, projetando esses ideais no coletivo e criando laços sociais.

O Super-eu de uma época cultural tem origem semelhante do que se origina no indivíduo, baseia-se na impressão que grandes personalidades-líderes deixaram e que foi internalizado pelos membros da comunidade. Portanto, “Um outro ponto de concordância entre é que o Super-eu da cultura, exatamente como o indivíduo, institui severas exigências ideais, cujo não cumprimento é punido mediante ‘angústia de consciência’” (FREUD, [1930] 2010, p. 117). Fato que é melhor observável quando vistos em grupo do que individualmente.

Nos diz Freud, “Daí que não poucas manifestações e características do Super-eu podem ser mais facilmente notadas em seu comportamento na comunidade cultural do que no indivíduo” (FREUD, [1930] 2010, p. 117).

Assim, percebe-se que a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por modelo. Nesse sentido, “A ligação recíproca dos indivíduos da massa é da natureza dessa identificação através de algo afetivo em comum, e podemos conjecturar que esse algo em comum esteja no tipo de ligação com o líder” (FREUD, [1921] 2011, p. 65).

O líder, portanto, ocupa o lugar de Ideal do Eu daqueles que o colocaram no poder. De certa forma, os membros de uma massa que se identificam e se reúnem em torno de um líder para apoiá-lo identificam-se (a si mesmos) “entre si” como pertencentes a um mesmo “Eu”, em função de que projetam no líder o mesmo ideal de Eu. Logo, nos diz Freud, “Uma massa primária deste tipo é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu” (FREUD, [1921] 2011, p. 76).

Sobre o sentimento social, Freud nos diz que “repousa, portanto, na inversão de um sentimento hostil em um laço de tom positivo, da natureza de uma identificação” (FREUD, [1921] 2011, p. 83). Destaca também que, nas massas ligadas pela identificação, um traço se faz muito importante, a exigência de que a igualdade seja levada a efeito consistentemente. Sendo essa igualdade imposta apenas aos indivíduos, excluindo-se o líder.

Os indivíduos todos devem ser iguais entre si, mas todos querem ser dominados por um só. Muitos iguais, que podem identificar-se uns com os outros, e um superior a eles - esta é a situação que se acha realizada numa massa capaz de subsistir. [...] O homem é [...] um animal da horda, membro individual de uma horda conduzida por um chefe (FREUD, [1921] 2011, p. 83).

Possibilitando a articulação entre a psicologia das massas com a horda primeva, Freud diz que

A massa nos parece, deste modo, uma revivescência da horda primeva, Assim como o homem primevo se acha virtualmente conservado em cada indivíduo, assim também pode ser restabelecido a horda primeva a partir de um ajuntamento humano qualquer; na medida em que os homens são habitualmente governados pela formação de massa, reconhecemos nesta a continuação da horda primeva (FREUD, [1921] 2011, p. 85).

Podemos inferir diante do exposto que certas massas (a exemplo da Igreja e do Exército), em essência, seriam mais um deslocamento do nome do pai e que obedecem às

mesmas leis, estas que inclusive já mencionamos a respeito da horda primeva. Portanto, “O líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autoridade, ou, nas palavras de Le Bon, sede de submissão. O pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu” (FREUD, [1921] 2011, p. 91).

Destaquemos ainda,

Religião, moral e sentimento social - os conteúdos do que é elevado no ser humano - foram originalmente uma só coisa. Segundo a hipótese de totem e tabu, foram adquiridas filogeneticamente no complexo paterno; a religião e limitação ética, pelo domínio sobre o Complexo de Édipo mesmo; os sentimentos sociais, pela obrigação de superar a rivalidade restante entre os membros da nova geração. Em todas essas conquistas éticas o sexo masculino parece ter tomado a frente (FREUD [1923] 2011, p. 47).

No que diz respeito ao caráter paterno presente em quase todas as instituições, tanto a hierarquia presente no seio das igrejas católicas - Cristo, papa, arcebispo, bispo, padre, cristão (e os demais fiéis fora da hierarquia sacerdotal) - como a hierarquia militar do Exército - general, coronel, tenente-coronel, sargento. Em ambas é evidente que a posição masculina é majoritariamente de destaque, para não dizer sua totalidade, e que ambas têm uma relação de pai-filho, em que sempre há um líder e os respectivos subordinados. Sendo assim,

o que teve início com o pai se completa com a massa. Se a cultura é o curso do desenvolvimento necessário da família à humanidade, então está inextricavelmente ligado a ela [...] o acréscimo do sentimento de culpa, talvez a um ponto que o indivíduo ache difícil de tolerar (FREUD, [1930] 2010, p. 105).

Imaginamos na base de tudo uma psique das massas, em que os processos psíquicos ocorrem tal como na vida psíquica individual. Dessa forma, os estudos sobre as massas exposto neste capítulo vai ao encontro aos eventos da horda primeva apresentados no capítulo anterior. Assim, fica claro que, inicialmente, as formações das massas desenvolvidas na sociedade seguem um modelo similar ao modelo familiar (pai-mãe-filhos), que por sua vez, seria o modelo da horda primeva deslocado para cada configuração e indivíduo humano.

### **2.3 APROXIMAÇÕES DOS MITOS: do Mito ao mito.**

Até agora muito pouco do que foi apresentado, ou quase nada, se caracteriza como uma novidade em termos de uma discussão psicanalítica. Assim, o alvo desta pesquisa consistiu na aplicação desses deslocamentos e dos conceitos apresentados - nos dois momentos iniciais (O mito e seus deslocamentos e Psicologia das massas e análise dos “Eus”)

ao cenário da atual conjuntura política brasileira, em que foi abordado, à luz da psicanálise freudiana, os acontecimentos que estão por trás de tais desfechos.

Ainda no que diz respeito à questão do tema, direcionemos nosso olhar para a configuração do Estado brasileiro. Conforme expresso na Constituição Federal de 1988, em específico no parágrafo inaugural do Título I - *Dos Princípios Fundamentais*, Art. 1º, é posto que “A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito” (BRASIL, 1988). Portanto, todo o território nacional é regido pelo mesmo código de leis da Carta Magna e forma um todo coeso no qual cada um e todos (do simples indivíduo enquanto cidadão até o poder público em suas diversas instituições sociais) estão submetidos ao Estado de direito.

A palavra Estado traz em sua acepção não só o sentido que lhe é comumente atribuído como também reflexo da Constituição e de suas leis, indicando assim as unidades federadas, e no Brasil, em se tratando de modelo federativo, é denominada União. O Estado pode ser conceituado como, segundo Dallari (2003, p.118), "a ordem jurídica soberana que tem por fim o bem comum de um povo situado em determinado território."

O Estado tem o direito de exercer seu domínio soberano sobre as pessoas e os bens, bem como tem jurisdição em toda a extensão circunscrita pelas fronteiras, as águas territoriais, o ar e o subsolo correspondentes. No parágrafo único do Art.1 nos é dito que “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição” (BRASIL, 1988). Logo, o governo soberano é o componente que conduz o Estado, que detém e exerce o poder “absoluto” emanado do povo. O povo é o componente humano, submetido juridicamente ao Estado.

O sistema de governo brasileiro que vigora atualmente é o regime presidencialista, em que o candidato eleito pelo povo exerce plenos poderes como chefe e presidente interino – temporalidade de mandato. Acumulando, assim, não apenas as funções de chefe de governo como também as de chefe de Estado, estando à frente do poder executivo, sendo este separado do poder legislativo e do poder judiciário.

No Art. 14, artigo que inaugura o capítulo IV da Constituição, *Dos Direitos Políticos*, é posto que “A soberania popular será exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual para todos” (BRASIL, 1988). Assim, a escolha do presidente acontece através do processo eleitoral vigente no país, em que o candidato eleito pelo povo tem o direito/dever de representar a nação, bem como geri-la conforme achar mais conveniente, uma vez que foi eleito democraticamente. Ainda no artigo supracitado, no §

1º, diz que “O alistamento eleitoral e o voto são: I - obrigatórios para os maiores de dezoito anos; II - facultativos para: a) os analfabetos; b) os maiores de setenta anos; c) os maiores de dezesseis e menores de dezoito anos” (BRASIL, 1988). Sendo o voto obrigatório e um meio de exercer direito do cidadão.

O ato de "escolher" um líder que governa o povo nos remete a algo muito arcaico e que se faz presente em toda a história da humanidade, e porque não dizer da própria espécie como um todo. Com o passar dos séculos, diversos deslocamentos ocorreram e podem ser observados nas mais diversas histórias. O enquadre entre a escolha do líder e a suposta sensação de segurança suscitada é o mesmo, psiquicamente falando. Com base na teoria freudiana antes apresentada, vimos que a necessidade de proteção por parte de um líder surge no mito da horda primeva e da respectiva necessidade do sujeito de proteção paterna. Podemos perceber em posições históricas de liderança, a exemplo dos faraós, reis, imperadores, governantes etc., a mais direta representação dos deslocamentos.

Assim, o ato de escolher um presidente, através do voto, nos remete às identificações narcísicas e anaclíticas, presentes em cada ser humano e que o favorece colocar a confiança necessária em um outro, para que, como eleitor, possa depositar no candidato sua esperança na escolha de ser bem representado. Voltando-se para um lugar muito originário da infância em que o sujeito devia confiar em um Outro tutelar. Nisso se caracteriza a eleição, pôr-se sob a tutela de um responsável, confiar-lhe parte de bem-estar, e que, em certa medida, não deixa de ser um Outro estranho. Basicamente esse é a dinâmica da democracia representativa.

Logo, se pega fundamentos muito profundos para dar o voto para que o Outro tenha o poder de governar, de coordenar, de proteger e de gerir políticas que envolvam a vida dos eleitores. Quando se vota está votando em um Outro que, num sentido figurado, possibilite o acalanto, que dê o suporte necessário, que corresponda com o que da fantasia infantil espera da autoridade.

Na linha dessa vertente de pensamento, é cabível enxergar o Estado enquanto a corporificação de uma entidade paterna. Em que, grosso modo, espera-se que ele seja o provedor e mantenedor dos direitos dos cidadãos, sendo para estes um, metaforicamente falando, “porto-seguro”. De modo análogo, quando o Estado não corresponde às expectativas e necessidades da população, acaba gerando sentimento de revolta, um certo tipo de descontentamento generalizado, desamparo e, conseqüentemente, o desejo por uma liderança que consiga promover o *status quo* antes perdido, ou, na melhor das hipóteses, que seja ao menos capaz de estabelecer um estado equivalente.

Nos desdobramentos dessas considerações, podemos examinar a sequência de acontecimentos que, ao nosso ver, culminaram no resultado das eleições presidenciais do ano de 2018, assim como também, estabelecermos as devidas aproximações entre o candidato eleito Jair Messias Bolsonaro com o mito freudiano outrora estudado. É digno de nota que a pesquisa se limitou a análise dos acontecimentos tanto do período anterior ao da eleição como o da eleição propriamente dita e que nos limitamos ao estudo da construção do imaginário popular do candidato eleito, mesmo considerando que outras personalidades políticas, tanto do presente contexto histórico, como de contextos históricos passados, se encaixam na discussão que por ora nos ocupamos.

À vista disso, trazemos para nossa discussão, de modo geral, o cenário político pré-eleições 2018. Envoltos nos mais diversos escândalos de corrupção, fraudes eleitorais, mensalões, escândalos com empreiteiras, investigação do Grupo Odebrecht, BMG, Petrobras, dentre outros episódios que, pela primeira vez no atual contexto político do Brasil, resultaram na prisão de figuras importantes do mais alto escalão do governo.

Associado a tudo isto, o Brasil passando por momentos de instabilidade financeira, grave crise política, moral, níveis altos de desemprego, insegurança aliada à criminalidade crescentes e os cidadãos descrentes no sistema. A operação Lava Jato, chegou confirmando o que há muito já se especulava, porém, jamais de forma tão explícita: o contexto político brasileiro se mostra uma desordem, cujo único denominador comum reconhecido é a **corrupção**.

A operação Lava Jato (Folha de S. Paulo, 2017) veio, portanto, trazendo à tona escândalos de corrupção que envolviam diversos partidos políticos, em destaque o PP, PT e PMDB. A operação foi deflagrada durante o governo que era pra ser vigente no período de 2014-2018, pondo em xeque a idoneidade da presidente interina, o que acabou culminando numa taxa de reprovação popular de 70%, segundo o Ibope (G1, 2015). Dessa forma, não demorou para que o processo de impeachment da então presidente da República Dilma Rousseff se tornasse realidade, faltando apenas pouco mais de um ano para o término do mandato e, conseqüentemente, vindo a assumir o então vice-presidente Michel Temer. Importante ressaltar que o impeachment foi interpretado pela esquerda como Golpe, haja vista não ter sido comprovada nenhuma das acusações feitas a presidente em exercício, ficando o vice no poder a contragosto de uma boa parcela da população, que não se rendeu ao jargão “FORA TEMER”, usurpador de um poder do qual não foi eleito pelo voto popular

Esse período de instabilidade política foi marcado por diversos protestos, “panelaços” (como a mídia popular comumente se referia naquela ocasião), levantes populares e, principalmente, conforme o roteiro de nosso estudo, um “sentimento crescente de desamparo” que assolou a população, uma vez que o descrédito na gestão pública alcançou níveis bastante consideráveis. Desta forma, a população brasileira ansiava pelo surgimento de uma figura que não só trouxesse como também instaurasse a ordem da casa, tomando assim as rédeas da situação, almejando então que a máquina pública voltasse a funcionar como o esperado.

Seguindo com o itinerário de nosso estudo, é quase como se tivesse um tipo de agrupamento infantil protestando em prol do desejo pelo retorno de uma figura parental mais forte. Dito de outro modo, logicamente um grupo de crianças que carecem de lei, representada na figura de pai, pedindo uma função parental mais forte, mais efetiva.

Então, podemos dizer que, durante esse período, o eleitor ficou em uma posição de completo desamparo, uma posição que colocou todo o foco, toda esperança, num representante que transmitisse certo potencial, que não só representasse mais também que soubesse usar o paradigma de força, inclusive a força física. Esse contexto político foi um campo fértil para o surgimento das mais diversas personalidades políticas durante a corrida presidencial de 2018.

Portanto, conforme o rumo que nos propusemos, assemelhando-se ao homem primitivo que, diante do desamparo primordial, criou mitos para explicar e amparar sua condição, o eleitor brasileiro também não deixou de fazê-lo. Da mesma forma, a figura do então candidato, que surgiu sem tanta relevância, veio a preencher o imenso vazio deixado pela crise moral, econômica e política. Por meio de um discurso simples, direto e inflamado, sem meias palavras por assim dizer, e com soluções aparentemente “práticas” em relação aos problemas do Brasil, foram reunidas as condições ideais para o surgimento de um “mito popular”: **O mito Bolsonaro.**

Diante de uma população descrente na classe política, Bolsonaro, que dela faz parte, porém ileso na Lava Jato, ganha credibilidade e relevância. Somado ao seu perfil ordenador, intransigente e autoritário, o eleitor encontrou nele uma opção para os seus anseios mais imediatos, a exemplo da segurança pública e de uma certa ordem que, comumente se espera, faz-se necessária tanto no âmbito social como no político. Noutras palavras, é quase como se, indiretamente falando, alguns eleitores enxergassem nele o reflexo daquele que não só traria como instituiria “ordem na casa”.

Gostaríamos de destacar alguns pontos, os de maior peso inclusive, que corroboraram para ascensão do mito, dentre eles: é o seu passado como Capitão do exército brasileiro em que, no ideário popular, remeteria a um líder, digamos assim, “pulso firme”, com forte senso de patriotismo e defensor da moral e dos bons costumes, o que, em certa medida, aos olhos de muitos, é o que por si só caracteriza a dita boa sociedade. Outro ponto de destaque é a sua conduta política de extrema direita e acentuado conservadorismo, passando a ser visto por uma grande parcela da população como uma espécie de solução em relação ao medo coletivo, produto de uma insegurança pública generalizada e da desordem.

Dentre as “propostas” de campanha do referido candidato, vale salientar, estava o discurso ostensivo no que se refere à legalização do porte de arma, e de um processo menos burocratizado em sua aquisição, o que, a nosso ver, e em certa medida, não deixa de ser um discurso que se faz (é feito) em tom de apologia, amparado na justificativa de que o cidadão não deve ficar de “mãos atadas” ante o cenário de insegurança pública, e que, portanto, se torna crucial que haja um modo dele se proteger. Segundo as palavras do candidato, em uma de suas inúmeras entrevistas, “Você não combate violência com amor, combate com porrada, pô. Se bandido tem pistola, (a gente) tem que ter fuzil.” (In: revista Época 2019). Torna-se interessante destacar que, em algumas de suas aparições públicas, um gesto do candidato merece nossa atenção, quase como que, assim nos expressemos, sua “marca registrada”, em que, em suas mãos, o indicador em riste e o polegar levantado na vertical acabam passando a impressão de ser um gesto que “lembra” a forma de uma arma.

O “mito Bolsonaro” surgiu em meio a um cenário de incertezas, de crises etc., trazendo um discurso saudosista dos tempos que o país gozava de uma ordem estabelecida. Em meio a uma dada sessão plenária faz homenagem a torturador da Ditadura Militar de 1964, em suas falas é perceptível que defende tortura, população armada, mais liberdade de ação para os agentes de segurança pública, ou seja, emerge como alguém que vai pôr ordem, que sabe usar a força. Então, faz sentido haver certa simpatia pelo uso da força aliada à violência, visando sanar a incidência de criminalidade. Noutras palavras, levando em consideração certas atitudes e falas do candidato em público, especialmente as que se destacam pela mídia, dar-se a entender que, em linhas gerais, o uso da força aliada à violência mostra-se enquanto uma opção viável ao se combater a própria violência pública.

Ainda no que se refere à postura política do “mito Bolsonaro”, declara guerra à corrupção, aponta o inimigo em comum que precisa ser combatido, inflama os ânimos com

discursos exaltados, alguns que, inclusive, dão margem a serem considerados discriminatórios, incita a violência e põe em palavras muito do que alguns dos eleitores, arriscamos em considerar uma boa parte, de fato pensam e querem, gerando uma onda maciça de identificação, ou, como nos diz a fala do referido candidato, “Costumo dizer que não falo o que o povo quer. Sou o que o povo quer.” (In: revista *Época* 2019). Incorpora um papel de incitador de um povo que, ao que parece, estava adormecido, mas que saíram com orgulho às ruas para defender “as suas bandeiras”, entenda-se aqui o que não só é (foi) posto pelo discurso do candidato como também o que alguns dos seus respectivos eleitores almejavam e, conseqüentemente, afirmando entusiasticamente ser esta a bandeira do país a ser levantada. Essa parcela da população, que foi crescendo aos poucos, carecia de um líder e encontrou seus ideais no candidato, bradando em uma só voz pelas ruas do Brasil: **MITO! MITO! MITO!**

Isto posto, podemos ir adiante ao estabelecer a aproximação entre as características das figuras dos dois mitos, partindo de algumas de suas características de comportamento. O mito freudiano nos diz que o pai primevo, nas palavras de Freud, “era o ideal de cada um deles, venerado e temido ao mesmo tempo” (FREUD, [1921] 2011, p.101). O pai primevo impunha a lei, era autoritário e demonstrava grande poder, inclusive recorrendo ao uso da força física para subjugar os demais. Logo, não é de todo descabido dizermos que tais características também se fazem presentes no mito brasileiro. Não há necessariamente uma distância significativa entre ambos os mitos, em especial entre suas particularidades, um não se difere tanto do outro por assim dizer.

Outro traço importante a ser considerado está presente no corpo do eleitorado, “todos querem ser iguais entre si, mas todos querem ser dominados por um só” (FREUD, [1921] 2011 p. 83) tal qual os filhos da horda, ambos careciam de um líder, careciam de uma figura que lhes dessem proteção. Ambos precisavam de alguém que os tirassem do desamparo, mesmo que esse alguém venha a restringir os direitos individuais de liberdade em nome de um discurso de ordem, da moral e dos bons costumes.

Um fato que se mostra relevante considerar, talvez um dos mais importantes, até pelo fator que repercutirá na construção do imaginário popular em torno do mito, referimo-nos aqui ao incidente ocorrido durante um evento de campanha eleitoral, no dia 6 de setembro de 2018, em que o então candidato Bolsonaro acabou sendo vítima de um atentado. O evento teve expressivo impacto na campanha do “popular mito”, uma vez que, após o ocorrido, e, não menos importante, devido ao seu estado de saúde, ele acabou se ausentando dos debates

e, conseqüentemente, num curto período de tempo, sua popularidade teve um aumento significativo, o que certamente influenciou em sua corrida eleitoral, e por que não dizer na taxa de adesão por parte de alguns prováveis indecisos quanto à escolha de candidato, e do popular como um todo.

Tornou-se inevitável não notar certa dificuldade por parte do candidato em suas idas aos debates, em especial os transmitidos em rede aberta, por ser uma personalidade de temperamento forte, aparentemente falando sem considerar uma construção coerente de raciocínio, como se suas palavras e apontamentos soassem inexpressivos e carentes de certa eloqüência, muitas de suas idas resultaram em verdadeiras sabatinas, o que, em certa medida, não foi bem visto, principalmente aos olhos do público, ainda mais por se tratar de um candidato em potencial à presidência do país. Após o ocorrido, o presidenciável apareceu apenas em suas redes sociais ou em mídias alinhadas à sua postura política.

O atentado contra a vida do presidenciável e suas conseqüências permite-nos mais uma vez aproximá-lo do mito freudiano. Portanto, seguindo com o que nos propomos, após o parricídio, os filhos deram vazão aos sentimentos de hostilidade e puderam amar e identificarem-se com o pai. O pai acabou passando por um processo de divinização, e que o levou a se tornar maior em morte do que foi em vida. Observando o sujeito frente à castração no complexo de Édipo, ao “assassinar” simbolicamente o pai e o internalizar, sua lei torna-se maior do que jamais foi, através do super-eu. Com o popular “mito Bolsonaro”, segue-se a mesma lógica, sem nos prolongarmos mais do que o já exposto em relação ao atentado, ele acabou por satisfazer a fantasia infantil do parricídio e a sua conseqüente divinização, no caso, tornando-o propriamente um mito.

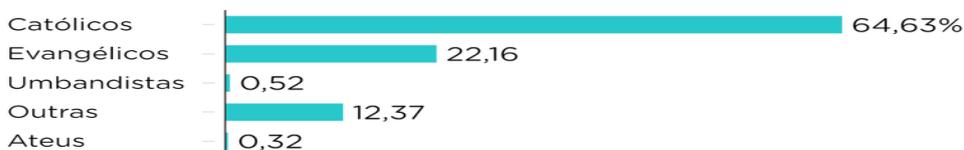
O sentimento social repousa, portanto, na inversão de um sentimento hostil em um laço de tom positivo, da natureza de uma identificação. Até onde podemos enxergar hoje esse curso de eventos, tal inversão parece ocorrer sob influência de um laço afetuoso comum a uma pessoa que está fora da massa (FREUD, [1921] 2011, p.83).

Ao se pensar mais detidamente, podemos analisar as características das massas responsáveis pela garantia da vitória nas urnas. Os componentes das massas partilham dos mesmos ideais, apresentam a mesma configuração ideal de Eu, portanto, encontraram no mito Bolsonaro o líder a quem seguir, o seu grande Outro. Deste modo, não nos surpreende que, as duas massas avaliadas no segundo capítulo, sejam exatamente às massas que tiveram maior destaque e protagonismo nas eleições de 2018, referimo-nos aqui à Igreja e ao Exército.

Primeiramente, destaquemos o fator religiosidade do povo brasileiro-. De acordo com

o censo de 2010, temos uma população composta, em sua maioria, por religiosos autodeclarados, em especial os católicos e os evangélicos. Consideremos o gráfico.

A religião dos brasileiros



Fonte: Censo 2010 do IBGE

NEXO

Tais dados, ainda que não atualizados, nos oferecem certa garantia de uma margem segura quanto aos resultados das eleições, aos menos em relação aos perfis dos potenciais eleitores, enfatizamos aqui o fator identificação entre a orientação religiosa dos eleitores e do presidenciável, ou, melhor dizendo, como o fator orientação religiosa acaba por influenciar na escolha do candidato, apesar de que, em tese, o seio da política tem por fim assegurar o bem comum a toda uma nação, conseqüentemente não havendo necessária relação com nenhum credo especificamente declarado, até porque, em linhas gerais, seja qual for a crença há um quê de adesão pessoal. Sabendo-se que, independente do Estado ser declarado laico, não deixa de ser perceptível a influência exercida pela religião, a exemplo dos feriados em calendário até os símbolos característicos em repartições públicas.

Pensando nesse público, não deixa de ser relevante trazermos para discussão o *slogan* do programa de governo utilizado pelo “mito Bolsonaro”, em que dizia o seguinte: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Demonstrando, durante toda campanha, forte simpatia em relação às comunidades religiosas, tendo destaque às evangélicas em que, inclusive, teria sido batizado no rio Jordão pelo pastor Everaldo Dias Pereira durante sua viagem a Israel, mesmo se denominando católico. Dentro do cenário político, os partidos com filiação cristã, comumente considerados por “bancada religiosa”, já vinham se mostrando expressivos, propondo emendas e votando em projetos que estivessem dentro dos ditos preceitos religiosos. Assim, nota-se que o “mito Bolsonaro” rapidamente tornou-se o ideal para essa massa. Desde o início de sua campanha eleitoral, tornou-se evidente a ênfase nos valores de família, o conservadorismo e se pronunciando em prol de uma retomada dos valores cristãos.

A expressividade que a massa das forças armadas teve, desde início, pode ser observada já no próprio mito, pois, este já traz em seu histórico o distintivo de oficial do exército ocupando a posição de Capitão, e seu vice, General. Além desses, diversos nomes do mais alto escalão do Exército, da Marinha e afins foram cotados durante a campanha para

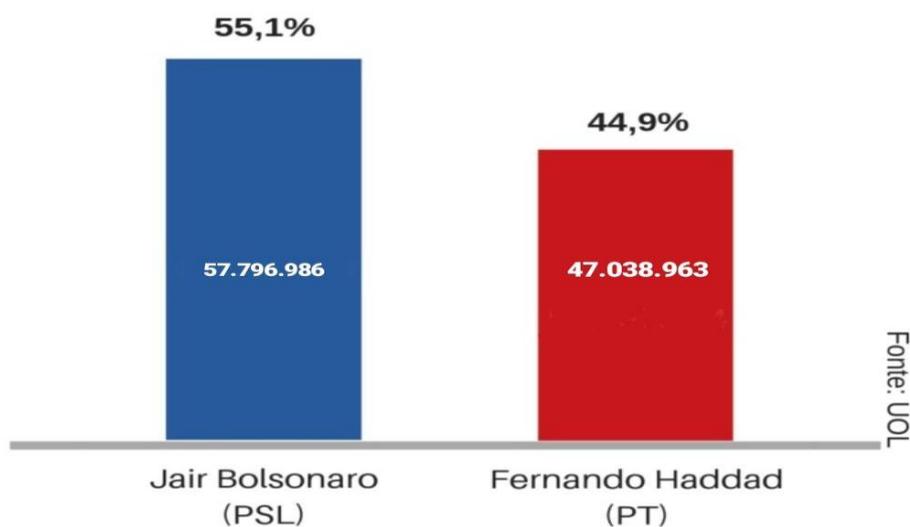
assumir cargos de importância no governo e um número expressivo de candidatos pleiteando uma vaga na política.

Outra massa teve um papel de extrema importância nas eleições, esta não tinha um líder propriamente dito, não tinha um rosto, só tinha uma ideia, referimo-nos aqui à massa digital, grande disseminadora das notícias que não possuíam o mínimo de credibilidade, comumente conhecidas por *Fakes News*. A mídia digital mostrou-se uma poderosa ferramenta utilizada pelos candidatos enquanto estratégia de campanha, desde as mais populares redes sociais, a exemplo do *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, até aplicativos de mensagens instantâneas, aquele que, em certa medida, se mostrou o mais polêmico de todos, o *WhatsApp*. Essas plataformas serviram de meio de propaganda eleitoral gratuita, tendo tanto conteúdo produzido, compartilhado e discutido num curto período de tempo, tornando o espaço para assimilar o “trânsito corrente” de notícias, bem como o de verificação acerca da veracidade, o mínimo possível, passando a impressão de que as massas não buscavam necessariamente a verdade, mas apenas o fluxo constante do compartilhar.

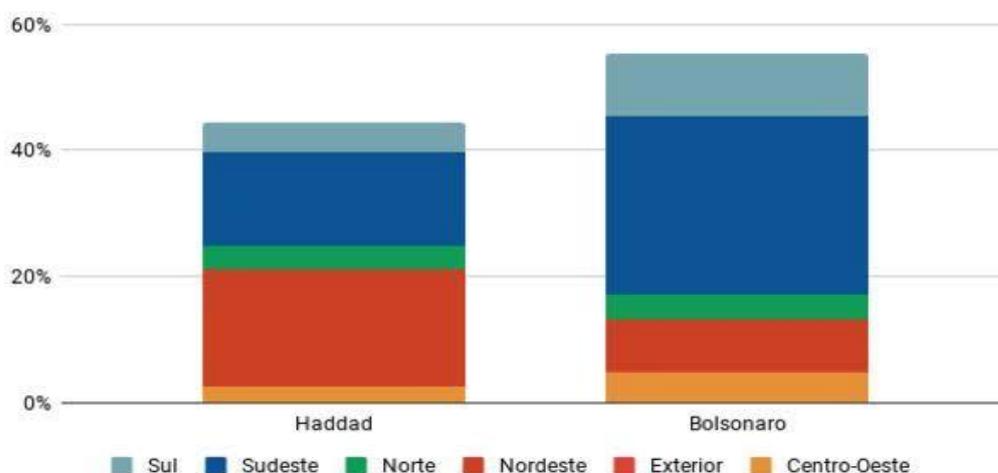
Como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, ela tem consciência de sua enorme força, ela é, ao mesmo tempo, intolerante e crente na autoridade. Ela respeita a força, e deixa-se influenciar apenas momentaneamente pela bondade, que para ela é uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é fortaleza, até mesmo violência. Quer ser dominada e oprimida, quer temer os seus senhores. No fundo inteiramente conservadora, tem profunda aversão a todos os progressos e inovações, e ilimitada reverência pela tradição (FREUD, [1921]2011, p. 27).

Assim, Freud nos alertou sobre as massas: “quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar, com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa” (FREUD, [1921] 2011, p. 27). O “mito Bolsonaro” seguiu à risca esse “mandamento”, sua campanha foi pautada em declarações polêmicas, exaltadas e que foram cada vez mais ovacionada pelo eleitor “se eu falasse manso, não estaria nos jornais amanhã. Observem as reportagens” (In: revista *Época* 2019).

A participação dessas massas pode ser demonstrada nos resultados obtidos nas urnas, como veremos agora.



### A divisão da votação dos candidatos por região

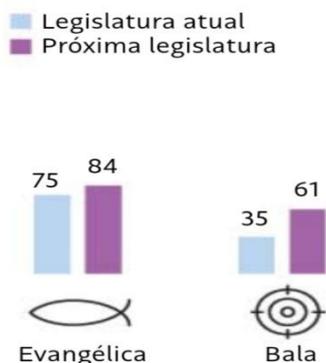


O “mito Bolsonaro” foi eleito no segundo turno das eleições 2018, obtendo nas apurações um total de 55,13% dos votos válidos que equivalem a 57.796.986 de eleitores que viram em Bolsonaro às condições para governar o Brasil. Estavam aptos a votar um total de 147.305.155 brasileiros, dos quais, pouco mais da metade compareceram às urnas, tendo impressionantes 42.466.402 de eleitores que se abstiveram do voto (aproximadamente  $\frac{1}{3}$  dos eleitores).

Outros resultados também se fazem pertinentes para nossa pesquisa, como o aumento de representantes militares e líderes evangélicos, trazendo reforço às bancadas temáticas do congresso, principalmente às de base conservadora. Assim, de acordo com o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP) o número de líderes evangélicos passa de 11 para 19 parlamentares e bancada dos militares subiu 19 para 28 cadeiras que, em sua maioria,

são aliados ao pensamento conservador do presidente eleito. Dessa forma, a bancada dos militares “bala” sobe de 35 deputados, para 61 na atual legislatura, a evangélica, por sua vez, foi ampliada para 84 membros.

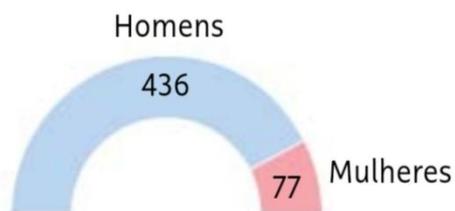
### Principais bancadas temáticas



Fonte: Folha de São Paulo

Outra característica expressiva na política brasileira consiste no perfil dos candidatos eleitos, sendo em sua imensa maioria composta por homens. O que reforça o que viemos falando ao decorrer do trabalho de que a humanidade carece de proteção, sobretudo as de caráter paterno.

### Gênero



Fonte: Folha de São Paulo

Dessa forma, Bolsonaro foi eleito o 38º Presidente do Brasil, dos quais, durante toda nossa história de governos, apenas uma mulher chegou a ocupar o cargo. Isso mostra o caráter patriarcal das escolhas dos eleitores, assim como do perfil das instituições públicas.

Em seu discurso de posse no dia 01-01-2019, o “mito Bolsonaro” disse que vai governar o Brasil com duas ferramentas: a bíblia e a Constituição. "O que mais quero é, seguindo os ensinamentos de Deus, ao lado da Constituição brasileira" (In: revista Época 2019). Esse pensamento do mito, fruto do imaginário brasileiro, reforça e satisfaz a necessidade das massas que o apoiaram. Em entrevista posterior afirma que “Longe de mim

querer ser o salvador da pátria”, destacou. “Mas o país não podia continuar flertando com o socialismo, o comunismo, com o populismo, com o desgaste dos valores familiares”.

Se pensarmos no Estado brasileiro como mais um deslocamento do nome do pai, podemos dizer também que o “mito Bolsonaro”, enquanto líder e governante da nação, vem a representar mais um deslocamento do pai primevo. No *slogan* de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” podemos inferir, por analogia, que o Brasil representa a grande horda primeva, que todos estão sob a proteção de uma força maior, o Deus-pai que está acima de todos, e que o Bolsonaro, que também é o Messias, seria seu representante em terra.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo nos possibilitou analisar, com base na teoria freudiana, os deslocamentos do Nome do Pai ao longo do desenvolvimento humano. Partindo dos escritos de Freud aplicados à psicologia dos povos, com o intuito de dar-nos uma explicação filogenética ao que o psicanalista observará no sujeito particular, portanto, em sua ontologia. Dessa forma, podemos observar, partindo dos estudos de *Totem e tabu* que o ato fundador não cessa de atualizar-se em formas cada vez mais elevadas, assim estabelecendo não apenas repetições e deslocamentos do pai, bem como da sua morte em rituais e sacrifícios. Do pai ao totem, depois do totem a Deus, dá-se uma genealogia que sugere deslocamentos tanto do ato que funda o totemismo e a história humana quanto das proibições ao ato correspondentes. O assassinato do pai não apenas constitui um começo originário, como também, a considerar o duplo sentido que o ato revela: o ódio ao pai e, de valor igual, a ânsia pelo pai, se deslocam na história humana, assumindo formas mais elevadas. Freud não apenas erige o mito fundador, mas também o ponto ao qual se deve retroagir o exercício genealógico de compreensão da cultura e das suas instituições.

No rastro dessas considerações, nos foi possível pensar o Estado enquanto mais um deslocamento do Nome do Pai, como uma entidade que corporifica a função paterna para toda uma nação, sendo exigida dela, portanto, proteção e amparo das necessidades básicas dos cidadãos. Logo, quando estes entram em um estado de desamparo, que aqui relatamos como a crise política enfrentada pelo Brasil ao longo dos últimos anos, surge às condições para que os sujeitos criem seus mitos visando dar conta do seu desamparo. Assim, podemos ver o surgimento do “mito Bolsonaro” como reflexo desse desamparo político e social, aliado à necessidade das massas de terem um líder que os represente, o que nos possibilitou

estabelecermos as aproximações entre a problemática do mito da horda primeva e sua respectiva atualização no “mito Bolsonaro”.

É evidente que as considerações aqui colocadas não têm caráter conclusivo. Reconhecemos a riqueza do material que nos ocupamos, mas entendemos que em um único estudo não é suficiente para esgotar toda a extensão em torno do assunto. Portanto, que o referido assunto sirva de inspiração ao considerarmos a aplicabilidade das teorias psicanalíticas aos mais diversos contextos, aqui em especial o da política.

## REFERÊNCIAS

FREUD, S. O mal-estar da civilização. In: \_\_\_\_\_. **O mal-estar da civilização, novas conferências introdutórias a psicanálise e outros textos**. 1º ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v.18)

\_\_\_\_\_. O eu e o id. In: \_\_\_\_\_. **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos**. 1º ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, v.16)

\_\_\_\_\_. Psicologia das massas. In: \_\_\_\_\_. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. 1º ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, v.15)

\_\_\_\_\_. Totem e tabu. In: \_\_\_\_\_. **Totem e tabu. A história do movimento psicanalítico e outros textos**. 1º ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Obras completas, v.11)

\_\_\_\_\_. O futuro de uma ilusão. In: \_\_\_\_\_. **Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos**. 1º ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras completas, v.17)

\_\_\_\_\_. Outros sonhos típicos. In: \_\_\_\_\_. **A interpretação dos sonhos**. 1º ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Obras completas, v. 4)

QUINET, A. **Édipo ao pé da letra: fragmentos da tragédia e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Elementos de Teoria Geral do Estado**. 24ª ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

J. D. Nasio, em *Édipo O complexo do qual nenhuma criança escapa*

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

CONSTANTINO.R; COSTA; V e EIRAS. Y. AS IDEIAS E OS VALORES DE BOLSONARO EM 100 FRASES. Disponível em <<https://epoca.globo.com/as-ideias-os-valores-de-bolsonaro-em-100-frases-23353141>>. Acesso em 26 nov. 2019.

ARAGÃO, J. **Eleição só pode ser explicada “pela mão de Deus”, afirma Bolsonaro**. Disponível em <<https://www.gospelprime.com.br/eleicao-pode-explicada-mao-de-deus-bolsonaro/>> Acesso em 26 nov.2019.

CARTA CAPITAL. **Bolsonaro não é zebra**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-nao-e-zebra/>> Acesso 26 nov. 2019.

GONÇALVES, C. **Mais de 70 candidatos com patente militar foram eleitos em todo o país.** Publicado em 08 dez. 2018. Disponível em:  
<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/mais-de-70-candidatos-com-patente-militar-foram-eleitos-em-todo-o-pais>> Acesso em 26 nov. 2019.

CHAPOLA, R. **Religião e política: na eleição de 2018 e em outras disputas.** JORNAL NEXO. Publicado em 01 set. 2018. Disponível em:  
<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/09/01/Religi%C3%A3o-e-pol%C3%ADtica-na-elei%C3%A7%C3%A3o-de-2018-e-em-outras-disputas>> Acesso em 26 nov. 2019.

MATOSO, F. Governo Dilma tem aprovação de 9% e reprovação de 70%, diz o Ibope. Publicado em 15 dez 2015. Disponível em :  
<<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/governo-dilma-tem-aprovacao-de-9-e-reprovacao-de-70-diz-ibope.html>> Acesso em 26 nov. 2019.

FOLHA DE S. PAULO. Operação Lava Jato. Disponível em:  
<<http://arte.folha.uol.com.br/poder/operacao-lava-jato/>>. Acesso em 27 nov. 2019.